

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 32, p. 1-15, jan.-dez. 2025 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p>https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2025.1.45408</p>	

SEÇÃO: JORNALISMO

Alarmes por Minas Gerais: tensões imagéticas no cotidiano de uma catástrofe

Alarms in Minas Gerais: imagetic tensions in the daily life of a catastrophe

Alarmas en Minas Gerais: tensiones imaginarias en la vida cotidiana de una catástrofe

Bruno Souza Leal¹

orcid.org/0000-0002-6937-6976
brunosleal@gmail.com

Flávio Pinto Valle²

orcid.org/0000-0002-0112-3657
flavio.valle@ufop.edu.br

Nuno Manna³

orcid.org/0000-0001-7286-7437
nunomanna@gmail.com

Recebido em: 2 nov. 2023.

Aprovado em: 3 jan. 2025.

Publicado em: 07 mar 2025.

Resumo: O artigo analisa imagens veiculadas em dois portais jornalísticos brasileiros, *G1* e *O Tempo*, em notícias que narram a vida de cidades e pessoas impactadas pelos rompimentos das barragens de mineração em Mariana e Brumadinho, Minas Gerais. A pesquisa foca nas dinâmicas de visualidade que tais imagens, associadas às notícias, promovem em relação a esse conviver diário com uma situação temporalmente complexa, pois articulam acontecimentos passados, cujas consequências ainda são vividas, e a iminência de novos desastres, dada a quantidade de barragens de rejeitos existentes na região. Imagens e palavras jornalísticas revelam, assim, uma "catástrofe cotidiana", cuja existência tensiona os ideários de progresso e modernidade.

Palavras-chave: catástrofe; temporalidade; visualidade.

Abstract: The article analyzes images published on two Brazilian journalistic portals, *G1* and *O Tempo*, in news stories that narrate the lives of cities and people impacted by the mining dam collapses in Mariana and Brumadinho, Minas Gerais. The article analyses the dynamics of visuality that these images, associated with the news, promote in relation to this daily coexistence with a temporally complex situation, since it articulates past events, whose consequences are currently being experienced, and the imminence of other disasters, given the number of tailings dams in the region. Journalistic images and words then show an "everyday catastrophe", whose existence strains ideals of progress and modernity.

Keywords: catastrophe; temporality; visuality.

Resumen: El artículo analiza imágenes publicadas en dos portales informativos brasileños, *G1* y *O Tempo*, en noticias que narran la vida de pueblos y personas impactados por los derrumbes de represas mineras en Mariana y Brumadinho, Minas Gerais. El artículo analiza las dinámicas de visualidad que esas imágenes, asociadas a las noticias, promueven en relación a esa convivencia cotidiana con una situación temporalmente compleja, que articula acontecimientos pasados, cuyas consecuencias se viven actualmente, y la inminencia de otras catástrofes, dado el número de represas de relaves en la región. Sin embargo, las imágenes y las palabras periodísticas muestran una "catástrofe cotidiana", cuya existencia pone en tensión los ideales de progreso y modernidad.

Palabras clave: catástrofe; temporalidades; visualidade.

Apresentação

"O medo está nos olhos das pessoas". Essa frase foi dita por uma moradora da cidade de Barão de Cocais, em Minas Gerais, e registrada



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

² Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Mariana, MG, Brasil.

³ Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil.

pelos jornalistas do portal *G1* e da *BBC Brasil*.² Esse medo, encarnado nos olhos, está relacionado ao que são considerados os dois maiores crimes ecológicos, minerários e trabalhistas do Brasil neste início de século XXI.

No dia 5 de novembro de 2015, aproximadamente às 15h30, a barragem de Fundão, de propriedade da Samarco – empresa controlada pela Vale S/A e pela BHP Billiton – localizada no município de Mariana, rompeu-se, despejando 62 milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração na bacia hidrográfica do Rio Doce. O desastre foi responsável por degradar 240 hectares de Mata Atlântica, impactar 41 cidades em dois estados, afetar três reservas indígenas e matar 19 pessoas. Três anos depois, às 12h28 do dia 25 de janeiro de 2019, a barragem da Mina do Córrego do Feijão, de propriedade da empresa Vale S/A, localizada no município de Brumadinho, a cerca de 90 km de Mariana, rompeu-se, despejando 12 milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração na bacia hidrográfica do

Rio Paraopeba, afetando 20 cidades e matando 272 pessoas.

Tais barragens são tecnologias de tratamento de rejeitos consideradas antiquadas, mas de baixo custo, adotadas por mineradoras em diferentes lugares do Brasil. Segundo dados apurados no Cadastro Nacional de Barragens de Mineração,³ em 30 de julho de 2023, há 348 barragens de mineração instaladas em Minas Gerais, distribuídas em 58 municípios, dentre os quais se destacam Itabirito (28), Brumadinho e Nova Lima (27 cada), Itatiaiuçu e Ouro Preto (22 cada), Itabira e Mariana (17 cada). Do total de barragens localizadas no estado, 208 estão inseridas na Política Nacional de Segurança de Barragens (PNSB), 156 são consideradas com alto potencial de dano e 35 apresentam alto risco, conforme vemos no mapa abaixo (Figura 1). Esses indicadores apontam para uma iminência de novos desastres, aos quais os habitantes dessa região do Estado estão submetidos.

Figura 1 – Classificação do dano potencial associado (DPA) das barragens de mineração



Fonte: Agência Nacional de Mineração.

² Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/05/17/o-medo-esta-nos-olhos-das-pessoas-apos-alerta-cidade-mineira-se-prepara-para-possibilidade-de-ruptura-de-barragem.ghtml>. Acesso em: 21 ago. 2024.

³ Disponível em: <https://app.anm.gov.br/SIGBM/Publico>. Acesso em: 21 ago. 2024.

Os rompimentos das barragens em Mariana e Brumadinho, reconhecidos como graves crimes ambientais, foram amplamente noticiados pela mídia jornalística brasileira, de diferentes perfis: nacional, local, especializada, de edições diárias, mensais, semanais, na internet, na tv, rádio etc. Com essa profusão de notícias, circulou uma diversidade de imagens, especialmente vídeos e fotografias, que mostravam os rompimentos, suas consequências, as ações de resgate de mortos e sobreviventes, as ações do poder público, o sofrimento dos atingidos. Junto a essas imagens,

focadas nos rompimentos das barragens em Mariana e Brumadinho, passaram a circular, com mais frequência, outras que expõem o impacto e os danos causados à natureza pela mineração industrial. Em uma reportagem da *TV Globo* de fevereiro de 2019, disponibilizada pelo portal G1, intitulada "Fiscais vistoriam barragens da Vale em Ouro Preto, suspensas pela Justiça"⁴, por exemplo, há uma sequência de imagens de perspectiva aérea que mostram uma paisagem marcada pelos danos de uma história de exploração na região – ver Figura 2.

Figura 2 – Captura de tela de reportagem



Fonte: G1.

Para além dos incidentes cronologicamente demarcados e dos danos materiais coletivos específicos dos dois rompimentos recentes, sua ocorrência gerou a continuidade do interesse midiático, seja narrando os impactos da mineração no ambiente, seja registrando alertas e condições de barragens específicas. Desde os desastres em Mariana e Brumadinho, são frequentes as notícias relatando pânico entre populações que vivem próximas a barragens após observarem rachaduras nessas estruturas, ouvirem estalos vindo delas ou sirenes alertando para o risco de novos desastres. O foco desta análise recai, sobretudo, sobre as imagens fotográficas que compõem tais notícias. Elas já não estão diretamente associa-

das aos rompimentos das barragens de Mariana e Brumadinho, mas registram cenas, situações e comportamentos que emergiram após esses acontecimentos.

Neste trabalho, dedicamo-nos a investigar esse cenário, abarcando os processos comunicacionais a ele relacionados, compreendendo-o como um "campo problemático" da vida social (Queré, 2005). Nosso objetivo, em um primeiro momento, é promover uma abordagem da catástrofe apreendida pelas articulações entre visualidade e temporalidade (gesto ao qual nos dedicamos na seção 2). A partir daí, buscamos refletir sobre imagens da vida cotidiana conectada aos desastres da mineração em Minas Gerais, tendo em vista

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/02/06/fiscais-vistoriam-barragens-da-vale-em-ouro-preto-suspensas-pela-justica.ghtml>. Acesso em: 21 ago. 2024.

materiais jornalísticos em circulação na imprensa nacional e regional (movimento que levamos a cabo na seção 3). Destacamos, especialmente, as imagens fotográficas mobilizadas pela mídia jornalística, pois, a nosso ver, elas materializam de maneira emblemática uma espécie de imaginário que se constituiu a partir daqueles crimes ambientais e corporificam uma relação temporal complexa: ao mesmo tempo falam de um "hoje" que não é o dos rompimentos; fazem com que esses acontecimentos não sejam deixados no passado, trazendo-os, talvez fantasmagoricamente, ao presente; e, como veremos, também se articulam a um futuro possível – por vezes iminente –, necessariamente temido.

2. Catástrofes e visualidades

Nos últimos anos, pensar a catástrofe tem sido um trabalho levado adiante por uma grande diversidade de pesquisadores (Rouso, 2016; Horn, 2018; Maia *et al.*, 2020; Lage; Manna, 2020; Povinelli, 2024; entre outros). Ao seu modo, cada trabalho enfrenta diferentes fenômenos que envolvem aspectos específicos, sejam de ordem climática, sanitária, econômica, social etc. Todos eles, no entanto, tensionam os modos amplos como construímos o mundo em meio a arbitrárias arquiteturas de experiências temporais coletivas, que criam as próprias condições de possibilidade das catástrofes. No caso específico do que ocorreu nas cidades mineiras, parte significativa dos estudos acadêmicos dedica-se aos impactos sociais e ambientais de tais catástrofes, em diferentes perspectivas (Bandeira; Segura-Muñoz; Bandeira, 2024; Aguilar *et al.*, 2024; Castriota, 2024; Lebourg, Cotrim, 2024; entre outros). Na Comunicação, o foco em geral é o modo como as mídias constroem e se relacionam com tais acontecimentos (Fontes; Lopes, 2017; Costa; Silva, 2020; Silva; Araújo; Silva, 2020; entre outros).

Neste artigo, buscamos recuperar notícias relacionadas aos crimes ambientais ocorridos em Mariana e em Brumadinho em duas mídias jornalísticas brasileiras: o portal *G1*, de abran-

gência nacional, sediado no Rio de Janeiro, e o portal *O Tempo*, regional e sediado em Minas Gerais. Ambos os veículos apresentam um caráter agregador, reunindo matérias jornalísticas das televisões, rádios, jornais e outros veículos que compõem os respectivos grupos de comunicação. O levantamento inicial, sem pretensão exaustiva – abrangeu notícias sobre barragens em Minas Gerais no período de fevereiro de 2019 a julho de 2023. A opção por compreender mídias nacionais e regionais considerou a possibilidade de haver tratamentos diferenciados entre uma e outra, o que não se verificou. Já a opção pelo *G1* levou em conta a estrutura do portal em Minas Gerais. Vinculado, como se sabe, ao Grupo Globo, o *G1* é o que conta, entre os portais jornalísticos brasileiros de alcance nacional, com a maior equipe no Estado, que inclui não só as(os) jornalistas baseados na capital, em Belo Horizonte, mas também as(os) que atuam em ao menos sete cidades polo do interior. O portal *O Tempo*, por sua vez, é associado à empresa (Sempre Editora) que publica dois dos jornais impressos de maior tiragem em Minas (*O Tempo* e *SuperNotícia*), segundo o IVC⁵, além de emissoras de rádio.

Mais do que apenas compilar notícias, este estudo busca compreender como a visualidade das catástrofes em Mariana e Brumadinho tem sido construída e incorporada, ao cotidiano nos textos analisados.

Nesse sentido, reconhecendo que a comunicação é uma disciplina indiciária (Braga, 2008), o *corpus* desta análise, apresenta uma composição heterogênea, posto que foi constituído a partir da identificação, nos textos encontrados em nosso levantamento, de vestígios dos modos como a visualidade das catástrofes em Mariana e Brumadinho, inseridas no cotidiano, vem se processando. Nessa perspectiva, ressaltamos a complexidade da dimensão temporal que é constituinte dos processos sociais e das textualidades que com eles(as) partir deles se configuram. No que diz respeito à temporalidade cotidiana, nos aproximamos de Beatriz Bretas (2006), que, tomando como referência trabalhos bastante

⁵ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/jornais-impressos-circulacao-despenca-161-em-2022>. Acesso em: 21 ago. 2024.

conhecidos acerca do tema (como os de Agnes Heller e Michel de Certeau), observa:

Dentre as várias formas de compreender a noção, é possível compreender o cotidiano enquanto categoria da existência, dimensão ontológica da realização da vida que se marca pela experiência. As relações que se dão em diferentes espaços sociais – da família, do trabalho, do lazer – moldam o cotidiano, visto como ambiência carregada de elementos contraditórios, ocupado por sucessões e por irrupções que podem alterar essas sucessões (Bretas, 2006, p. 29-30).

Tal compreensão nos permite abordar o cotidiano não pelo mero viés da repetição e do ordinário, mas por uma historicidade viva e dinâmica, que pode ser interpelada pelo que Ribeiro, Leal e Gomes chamam de "imaginação histórica" (2017, p. 41). Segundo os autores, tal esforço implica descortinar relações temporais, destacar a visão processual do mundo e pensar as práticas comunicacionais em suas relações dinâmicas com passado, presente e futuro, moduladas pelos contextos nos quais se inscrevem. Ao nos aproximarmos dos relatos sobre as catástrofes, levamos em consideração que "todo esforço de configurar a experiência temporal – midiático inclusive – resulta, então, desse agir, se constitui como uma operação de produção de sentido, de configuração de mundos, a partir da proposição de uma experiência do tempo" (2017, p. 39).

Além disso, quando tratamos da experiência temporal constituída no contexto das catástrofes da mineração em Minas Gerais, remetemo-nos aos processos amplos que movem a modernidade. Isso significa chamar atenção não para um período histórico, mas para as concepções e ordenamentos temporais que constituem projetos de progresso e desenvolvimento e, associados a eles, todos os processos colonizadores que constituem as relações de poder na América Latina (Quijano, 2009), como o racismo, o genocídio indígena, a desigualdade social, as contradições das paisagens urbanas etc. É o conjunto de todas

essas relações que buscamos apreender na visualidade promovida pelas produções jornalísticas em torno dos desastres de Mariana e Brumadinho.

Por visualidade, entendemos, a partir de Gonzalo Abril (2016), uma complexa rede de mediações que articulam textos visuais, imaginários e olhares socialmente constituídos. Inspirado pela semiótica peirceana – de tradição francesa – e pelo pensamento bakhtiniano, Abril observa:

O visual, "o que se vê", está sempre relacionado com o que não se vê, com fenômenos diversos que não pertencem propriamente ao domínio do visível, mas sem os quais seríamos cegos para a imagem, não veríamos nada, ou veríamos sem ver. Portanto, não estamos simplesmente falando da relação do visível com o invisível, mas de certos fenômenos que, não sendo propriamente visíveis, têm efeitos sobre o que se vê, ou seja, no *sentido* do que se vê. (2016, p. 54, tradução nossa).⁶

Abril acentua, portanto, que a visualidade incorpora o visível e o invisível, que por sua vez abrange o que se deseja ver, o que se sabe ou o que se crê e o que se faz com o que se vê. Nesse conjunto amplo de relações e mediações, a visualidade se apresenta como uma experiência cultural localizada, historicamente situada, e fortemente articulada a uma rede textual ampla, ou em outros termos, a uma "textualidade" (Abril, 2016; Leal, 2017). É importante destacar que "texto" aqui não pode ser entendido como uma contração de "texto verbal" e sim como uma "unidade de comunicação", geralmente multisemiótica, que é "[...] sustentada por uma prática discursiva e inserida em rede(s) textual(ais), que podem ou não integrar elementos verbais e, portanto, não devem ser identificados apenas com eles" (Abril, 2016, p. 46, tradução nossa⁷). No vocabulário constituído pelo pesquisador espanhol, o que chamamos usualmente de "imagem" deve ser considerado como um componente de um texto visual, inserido em uma textualidade ampla e heterogênea. "Imagem", por sua vez, para ele, articula tanto a representação icônica quanto

⁶ Do original: Lo visual, "lo que se ve", se relaciona siempre con lo que no se ve, con distintos fenómenos que no pertenecen propiamente al reino de lo visible, pero sin los cuales seríamos ciegos a la imagen, no veríamos nada, o veríamos sin ver. Así que no hablamos de la relación de lo visible con lo invisible sin más, sino con ciertos fenómenos que no siendo propiamente visibles tienen efectos en lo que se ve, es decir, en el sentido de lo que se ve.

⁷ Do original: [...] sustentada por una práctica discursiva e inserta en una(s) red(es) textual(es), que puede integrar o no elementos verbales, y que por ende no debe identificarse solamente con ellos.

os imaginários a ela associados, estando ainda associada às relações de visualidade, aos sujeitos, tempos e espaços em interação. Como se percebe, a perspectiva de Abril insere as imagens fotográficas (por exemplo) em dinâmicas culturais multifacetadas, em que suas características iminentes estão necessariamente em diálogo com fluxos sociais e comunicacionais, historicamente situados.

Quando nos aproximamos dos relatos jornalísticos sobre os rompimentos das barragens em Mariana e Brumadinho nos portais *G1* e *O Tempo*, entre 2019 e 2023, as fotos e os textos verbais que os compõem integram-se às dinâmicas e fluxos que constituem a visualidade das catástrofes. No âmbito do fenômeno que buscamos analisar, catástrofes comportam mais de uma dimensão: uma localizada, focada no caso dos rompimentos mencionados, e outra estendida, que alcança os impactos ambientais e sociais da mineração. Assim, para vários setores sociais, o modo como a mineração de larga escala se desenvolve na região é ela mesma uma catástrofe que, para além de um acontecimento pontual, perdura e se prolonga por vários anos. Há, aqui, então, uma diferença de proporção em relação às catástrofes: enquanto acontecimentos pontuais e rápidos, os rompimentos são desastres que irrompem

inesperadamente o cotidiano das cidades e das pessoas que não só convivem como naturalizam a ação predatória das empresas de mineração. Essa ação contínua e cotidiana, por sua vez, faz ver que os rompimentos seriam mais um acontecimento, previsível em grande medida, dado esse outro desastre, mais duradouro.

As matérias jornalísticas recolhidas tratam de contextos de vulnerabilidade de espaços e corpos em cidades mineiras diante da memória dos rompimentos das barragens da última década e dos riscos de novos incidentes. A noção de catástrofe, aqui apreendida pela vinculação com a vida cotidiana, busca ressaltar dimensões políticas, temporais e epistêmicas que se articulam a essas imagens fotográficas. Tal perspectiva nos estimula a nos confrontar com "campos problemáticos" da modernidade e de ideais de nação atravessados por colonialidades do poder, e também com as complexas relações entre mídia, acontecimento, textualização e narrativização aí presentes. Assim, buscamos refletir, nos limites dados, sobre as dinâmicas temporais presentes nas visualidades que perpassam os rompimentos das barragens e suas imagens, apreendidas como fissuras lancinantes no imaginário de progresso e riqueza.

O bucólico assombrado

Figura 3 – Captura de imagem de reportagem



Fonte: *O Tempo*.

A imagem fotográfica da Figura 3 pode, à primeira vista, ser vista como bucólica ou mesmo desinteressante. No entanto, ela compõe uma matéria jornalística publicada em outubro de 2022 pelo jornal *O Tempo*⁸, de Belo Horizonte, e, contrariamente a essa expectativa inicial, está ligada a um imaginário de medo e apreensão. A reportagem trata do município de Congonhas (MG), onde o corpo de bombeiros realizava um treinamento “para atuar em barragem com risco de romper”. Na parte inferior do plano da foto-

grafia, vemos um pequeno aglomerado de casas que convive com a vizinhança, na parte superior, do que parece ser um corpo d’água – mas que, conforme a linha fina da notícia indica, se trata da barragem Casa de Pedra, que possui “a maior estrutura de rejeitos em território urbano da América Latina”.

Uma foto semelhante da mesma barragem havia ilustrado matéria de janeiro de 2020, do mesmo periódico⁹: “Temporal assusta vizinhos de barragens em Minas Gerais” (Figura 4).

Figura 4 – Captura de imagem de reportagem



Fonte: *O Tempo*.

A linha fina da notícia caracteriza uma situação de risco crônico, acentuado entre moradoras(es) da cidade em momentos de elevação das condições para um desastre: “Mineiros temem que chuvas sirvam como gatilho para rompimento

de estruturas”. Já a imagem abaixo (Figura 5), publicada em janeiro de 2020 pelo *O Tempo*¹⁰, parece condensar alguns aspectos importantes da multiplicidade temporal e cotidiana da catástrofe.

⁸ Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/congonhas-simulado-treina-bombeiros-para-atuar-em-barragem-com-risco-de-romper-1.2755889>. Acesso em: 21 ago. 2024.

⁹ Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/temporal-assusta-vizinhos-de-barragens-em-minas-gerais-1.2288653>. Acesso em: 21 ago. 2024.

¹⁰ Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/sirene-e-acionada-em-area-de-barragem-e-moradores-entram-em-panico-em-minas-1.2280884>. Acesso em: 21 ago. 2024.

Figura 5 – Captura de imagem de reportagem

Fonte: *O Tempo*.

Na fotografia que ilustra a matéria intitulada "Sirene é acionada em área de barragem e moradores entram em pânico em Minas", vê-se a destruição provocada pela mineração no que seria o cenário natural, registrado na parte superior da foto. Ambos os cenários convivem no presente e, em uma perspectiva de progresso, a parte inferior seria o futuro da parte cima, entendida então como um fragmento de um passado. Após os rompimentos, a cena da parte inferior da foto perde a aura de futuro desejado e se torna uma figura da destruição que virá, que poderá acontecer, um desastre atual e iminente. Já a figura do rio e da mata, aparentemente intactos, deixam de remeter ao passado e se tornam um

presente ameaçado e um futuro desejado, a ser preservado.

Sendo vistas panorâmicas e, em geral, feitas de cima para baixo, nestas imagens temos uma dimensão ampla e calamitosa de um contexto no qual se situam comunidades cuja existência é atravessada pelo signo insólito da catástrofe. No entanto, sob outras perspectivas, notadamente "de baixo" – tanto em um sentido da posição do olhar quanto na proximidade de sujeitos ordinários –, essa catástrofe alcança dimensões ainda mais mundanas e complexas. Exemplo disso é a imagem estampada em uma matéria do portal *G1*¹¹, publicada em março de 2019 (Figura 6).

¹¹ Disponível em :<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/03/23/apos-barragem-entrar-em-nivel-de-alerta-moradores-de-barao-de-cocais-passam-a-noite-vigiando-rio.ghtml>. Acesso em: 21 ago. 2024.

Figura 6 – Captura de imagem de reportagem



Fonte: G1.

Novamente, parece que estamos diante de uma situação de simplicidade. Quatro homens, portando-se de maneira aparentemente casual, acompanhados de um cachorro de pequeno porte, parecem conversar na rua do que parece ser uma cidade pequena. Ao lado deles, sobre um guarda-corpo, encontram-se uma garrafa térmica e o que parece ser uma garrafa de suco. O título da matéria, no entanto, indica um outro tom: "Após barragem entrar em nível de alerta, moradores de Barão de Cocais passam a noite vigiando rio". Apesar da fotografia não apontar para uma situação de perigo evidente e de sequer avistarmos a barragem por perto, a presença dessa ameaça associada à referida barragem ressignifica a imagem fotográfica, que se torna, em certa medida, o registro de uma catástrofe invisível. A linha fina narra: "Desde o dia 8 de fevereiro, quando as sirenes soaram pela primeira vez, que eles passam madrugadas no local. Nesta sexta-feira, a barragem passou para nível de risco iminente."

A iminência do desastre constitui o invisível

da fotografia e insere tensão e medo no que seria, outra vez, uma cena banal e bucólica. A invisibilidade é ainda mais patente em outras matérias, tais como a notícia já mencionada na abertura deste artigo, de maio de 2019, publicada também pelo G1¹², cujo título chama atenção de maneira dramática "O medo está nos olhos das pessoas': após alerta, cidade mineira se prepara para possibilidade de ruptura de barragem". A imagem escolhida para ilustrar a notícia é uma foto de arquivo pessoal de um casal sorridente em um local que parece ser uma sala de embarque de aeroporto. O homem na foto é Fernando Batista, personagem da matéria, que conta que precisou continuar em Barão de Cocais (MG) – cidade da referida barragem – por conta do seu trabalho, mas que levou sua filha e esposa para uma cidade ao lado. A legenda da foto, enfim, revela a tensão invisível: "a vida da família foi alterada desde fevereiro, com alerta emitido para a barragem".

¹² Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/05/17/o-medo-esta-nos-olhos-das-pessoas-apos-alerta-cidade-mineira-se-prepara-para-possibilidade-de-ruptura-de-barragem.ghtml>. Acesso em: 21 ago. 2024.

Figura 7 – Captura de imagem de reportagem



Fonte: *G1*.

Se, na Figura 7, o sorriso do casal contrasta com sua separação em função da convivência diária com um perigo iminente, uma outra imagem do cotidiano orientado pela possibilidade

do desastre acompanha a notícia de novembro de 2022 do jornal *O Tempo*: "Barragem em Santa Bárbara: quase 3 mil pessoas moram na zona de autossalvamento"¹³.

Figura 8 – Captura de imagem de reportagem



Fonte: *O Tempo*.

¹³ Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/barragem-em-santa-barbara-quase-3-mil-pessoas-moram-na-zona-de-autossalvamento-1.2748115>. Acesso em: 21 ago. 2024.

Na fotografia em destaque, não vemos a barragem nem a cidade ou seus habitantes. Em vez disso, nos deparamos com a foto de uma placa para autossalvamento, que indica o sentido de uma "Rota de fuga" e os órgãos que devem ser acionados "Em caso de emergência". A linha fina, por sua vez, indica uma interessante ambiguidade: "Estrutura entrou no nível 1 de alerta de estabilidade após surgimento de trinca; evacuação da população não é necessária". Se inicialmente o texto verbal anuncia um acontecimento perigoso e iminente, em seguida indica a não necessidade de uma ação urgente. Tal ambiguidade evidencia justamente a constituição de uma catástrofe que, como em todos os casos anteriores, não se resume a um evento desastroso, mas se revela perene, fazendo-se presente no dia a dia da população que convive com a mineração industrial – e os modos como ela se dá – em Minas Gerais.

Conforme resolução n. 95 de 7 de fevereiro de 2022, da Agência Nacional de Mineração (ANM)¹⁴, que consolida atos normativos que dispõem sobre segurança de barragens de mineração, Zona de Autossalvamento (ZAS) é a área abaixo de uma barragem onde, em caso de rompimento, a emissão de alerta à população é de responsabilidade da empresa, porque não haverá tempo hábil para os órgãos públicos intervirem. Sua delimitação é feita ou com base na distância da barragem, 10 km, ou no tempo que demoraria para o rejeito inundá-la, 30 minutos (o que for maior). Os moradores dessas áreas vivem então sob dois riscos: a possibilidade "concreta" de um rompimento e as ações para se autossalvarem. Essa situação se agrava quando se trata de pessoas cuja capacidade de se "autossalvarem" enfrenta possíveis obstáculos, como, por exemplo, não conseguir entender o sinal de alerta que indica a necessidade de evacuação ou não conseguir, durante a fuga, se deslocar por conta própria. Ainda conforme a resolução da ANM, cabe ao empreendedor da barragem de mineração realizar periodicamente treinamentos internos e externos. O parágrafo 2º do artigo 47 estabelece que os

treinamentos "têm por objetivo contribuir para manter o estado de prontidão". Na ausência de disposição acerca do objetivo dos treinamentos externos, podemos estender a eles o disposto no art. 47. Nesse sentido, no momento em que uma comunidade é informada que se encontra na área de inundação de uma barragem e recebe orientação sobre como se autossalvar, instaura-se um estado de prontidão.

Disso decorre que podemos tomar a ZAS como uma figura que nos possibilita reconhecer o rompimento de uma barragem como um desastre cuja temporalidade é tanto pontual quanto difusa. Pontual na medida em que aponta para um evento cuja possibilidade e probabilidade de ocorrência está posta; e difusa na medida em que esse evento previsto se estende no tempo e se insere, organizando-o de alguma forma, no cotidiano das pessoas. Interessante observarmos que, sob certo ponto de vista, esse desastre – ou seja, o rompimento da barragem – é o acontecimento a ser considerado. No entanto, sob outro olhar, ele é um acontecer que se dá em meio a diferentes eventos que integram o dia a dia em uma área onde a inundação pelo rejeito de minério será tão rápida que caberá exclusivamente aos moradores, independentemente de sua capacidade, socorrer a si próprios.

Considerações finais

Tradicionalmente, a catástrofe, como já vimos, é pensada como um evento que desestabiliza um estado de coisas, instituindo um antes e um depois desse acontecimento disruptivo. A etimologia da palavra sugere um "virar de cabeça para baixo" esse estado de coisas, o que exigiria então esforços imaginativos e epistêmicos de reconstrução de uma normalidade perdida, seja buscando restaurar um dia a dia, seja produzindo um outro modo de vida. No teatro grego, a catástrofe seria o ato final da tragédia e uma consequência do reconhecimento das ações praticadas pelo herói. Na tragédia "Édipo Rei", de Ésquilo, a catástrofe não decorre do fato de Édipo

¹⁴ Disponível em: <https://www.gov.br/anm/pt-br/assuntos/barragens/legislacao/resolucao-no-95-2022.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2024.

ter matado um ancião que cruzou seu caminho, nem dele ter se casado com a rainha de Tebas, mas da descoberta de que aquele ancião era Laio, seu pai, rei de Tebas e esposo de Jocasta, sua mãe. É justamente o reconhecimento de seu papel na tragédia que faz com que a catástrofe recaia sobre ele.

Na transposição da catástrofe do acontecimento pontual para o acontecer iminente, ocorre o esvaziamento do seu caráter disruptivo como um evento súbito e inesperado. Estar "em prontidão" em função do risco de um desastre possível indica a convivência com uma expectativa, com um porvir possível que passa a orientar o dia a dia das pessoas. Com isso, a catástrofe se torna um acontecer, simultaneamente vivido e sob espera, material e imaterial, visível e invisível. Dessa forma, tal catástrofe deixa de promover uma ruptura que instaura um antes e depois, pois se dá em um contínuo temporal que se mescla a hábitos e comportamentos usuais e rotineiros. Por um lado, a normalização da iminência do desastre aponta para uma certa incapacidade ou recusa de refletir sobre as relações que configuram o cotidiano, posto em uma espécie de provisoriade habitual. Por outro, o sentimento de desespero experimentado por moradores de comunidades localizadas próximas a barragens e relatado em diversas notícias, aponta os limites dessa normalização. A catástrofe, agora cotidiana, parece caracterizar um processo doloroso de tomada de consciência que "vira de cabeça para baixo" memórias passadas, a atenção ao presente e as expectativas futuras.

Nesse sentido, vamos ao encontro de Bruno Leal e Itania Gomes (2020, p. 49), no ensaio em que propõem a operacionalização da catástrofe como figura de historicidade, destacando que "lel a convoca nossa atenção para os deslocamentos epistêmicos, temporais e políticos que constituem nossa vida cotidiana". Os pesquisadores propõem o caráter inquietante da catástrofe, não por sua força disruptiva, mas por sua desnaturalização epistêmica do mundo. Os rompimentos das barragens de Mariana e Brumadinho – depois que ocorreram, é importante frisar – foram

certamente tidos como "catástrofes anunciadas", ou seja, como acontecimentos desastrosos que se articulavam à ação danosa da mineração e à escolha por tecnologias de tratamento de rejeitos consideradas ultrapassadas. Nesse contexto, as imagens fotográficas, associadas ao texto verbal, que compõem as notícias que recuperamos, tal como vimos, indicam outras dinâmicas de significação e visualidade para além do que se vê na representação iconográfica. As fotos não indicam um passado ou sua permanência, pelas consequências dos desastres, mas seu caráter repetido: desde 2015 duas grandes barragens se romperam, deixando aberta uma narrativa inconclusa, cujo próximo evento seria tanto a próxima catástrofe quanto a continuidade de uma outra, de larga escala, de temporalidade mais abrangente. Associadas a um desastre por vir, cuja expectativa permeia o cotidiano, elas são ressignificadas, de bucólicas a ameaçadoras, projetando catástrofes presentes e futuras e indicando experiências de atordoamento.

Voltando ao contexto da mineração em Minas Gerais e ao modo como ela configura o cotidiano, a catástrofe cotidiana nos possibilitaria então reconhecer nossa condição de seres históricos. Se o cotidiano, tal como aponta Heller (1985), contribui para naturalizar relações e valores, o rompimento das barragens de Mariana e Brumadinho transformou o que seriam paisagens bucólicas em signos de uma ameaça iminente. As imagens de ambos os desastres circularam exaustivamente, por diferentes mídias e passaram a compor um repertório imagético do país e, especialmente, das pessoas que vivem no estado de Minas Gerais, os mineiros. A experiência mineira, com seus contornos específicos, possui grande relevância dentro de uma história ampla e complexa de construção de um imaginário brasileiro, uma vez que está intrinsecamente marcada pela prática extrativa atrelada ao imperativo do desenvolvimento e do progresso desde que a mineração ganhou centralidade na economia e na política nacional no século XVIII (Andrade, 2008). As imagens recentes dos desastres relacionados às barragens localizadas em Minas Gerais nos per-

mitem, então, vislumbrar tensões e contradições das matrizes da formação colonial extrativista, expondo fissuras nas narrativas nacionais.

Se a entrada de uma mineradora em uma cidade pequena é frequentemente vista com otimismo, como sinal de progresso, se integrando a uma narrativa nacional desenvolvimentista, o rompimento das barragens põe esse entendimento em xeque. E mais, coloca a narrativa do progresso e do desenvolvimento nacional sob o signo da catástrofe cotidiana. Essa articulação entre uma atividade econômica que sugere desenvolvimento e a expectativa de um desastre que resulta desse empreendimento industrial adquire ainda um caráter explicitamente contemporâneo, se tomarmos como referência as reflexões de Neta Alexander e Arjun Appadurai (2019) sobre a noção de fracasso. Para os autores, o "fracasso" não é uma condição "natural" humana e sim o resultado de um julgamento: um acontecimento, uma pessoa, uma performance podem ser avaliadas como "falhas" conforme são apreendidas contextualmente. Partindo dessa premissa, Alexander e Appadurai então observam que o fracasso é incorporado às dinâmicas do capitalismo globalizado contemporâneo de modo bastante orgânico e peculiar. Dizem eles:

[...] o capitalismo configura os sistemas financeiro e tecnológico em um aparato interconectado que produz e naturaliza o fracasso e cria a sensação difusa de que todo o sucesso deriva da tecnologia e de suas virtudes e que toda falha é culpa dos cidadãos, dos investidores, dos usuários, dos consumidores. Essa ideologia pode ser somada ao entendimento de que a tecnologia seria sempre eficaz se seus usuários não fossem tão passíveis de erro (2019, p. 2, tradução nossa).¹⁵

Nessa perspectiva, a crença na eficácia da tecnologia, como que atualiza os ideários de progresso e desenvolvimento, relegando ao humano, então, a origem, a gestão ou mesmo a condição do fracasso. Após os rompimentos das barragens de Mariana e Brumadinho, a catástrofe cotidiana

que se visualiza nas notícias do *G1* e de *O Tempo* parece indicar ao menos as contradições desse discurso tecnocêntrico, especialmente quando consideramos que a tecnologia (entendida agora como ultrapassada e barata) é a origem do desastre (do passado, do presente e o que está por vir) e que cabe às pessoas se "autossalvarem" frente a possíveis rompimentos futuros.

No teatro grego, a *hamartia*, isto é, o erro trágico é cometido pelo herói em razão de sua ignorância e o seu reconhecimento lhe possibilita redenção à medida que lhe abre a possibilidade de responder por ele, ainda que não possa repará-lo (Aristóteles, 2006). Hoje, o "erro" cotidiano seria a adesão irrefletida ao discurso desenvolvimentista, do progresso a qualquer custo. A iminência do rompimento, o acontecer peculiar dessa catástrofe, expõe fissuras na alienação promovida por essa adesão acrítica, que não deixa de ser uma incapacidade ou recusa em compreender as relações com o mundo como construções históricas. Certamente outros posicionamentos políticos, dos mais conservadores aos mais "progressistas", dos mais moderados aos mais extremistas, são possíveis. Em todos os casos, o acontecer da catástrofe cotidiana põe sempre em risco as naturalizações que constituem o dia a dia das cidades, exigindo então respostas possíveis frente às brechas que abre. Além disso, talvez uma outra catástrofe – "positiva"? – passe ainda a se fazer sentir. Nesse caso, seria uma possibilidade de conscientização, à medida que impulsiona a possibilidade de significar e transformar as condicionantes históricas às quais pessoas e grupos estão submetidos. Trata-se de reconhecer que não apenas estamos no mundo, mas que também estamos com o mundo. Ao mesmo tempo em que ele impõe condições à ação humana, nós, seres humanos, o transformamos pelo nosso agir, cujas implicações incluem, mas excedem em muito aquilo que está visível diante dos nossos olhos.

¹⁵ Do original: capitalism configures financial and technological systems into an interconnecting apparatus that produces and naturalizes failure and creates the pervasive sense that all successes are the result of technology and its virtues, and that all failure is the fault of the citizen, the investor, the user, the consumer. This ideology can be summed up in the proposition that technology is always effective, if only its users were not so fallible.

Referências

AGUILAR, Nubia et al. Análise do estudo de impacto ambiental das obras emergenciais para descaracterização da barragem Campo Grande - Mina de Alegria, Mariana/MG. Caderno Pedagógico, [s. l.], v. 21, n. 12, e10934, 2024.

ANDRADE, Francisco Eduardo. A invenção das Minas Gerais: empresas, descobrimentos e entrada nos serões do ouro da América portuguesa. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

AGÊNCIA NACIONAL DE MINERAÇÃO (ANM). Cadastro Nacional de Barragens de Mineração. In: Agência Nacional de Mineração. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://app.anm.gov.br/SIGBM/Publico>. Acesso em: 30 jul. 2023.

AGÊNCIA NACIONAL DE MINERAÇÃO (ANM). Ministério de Minas e Energia. Resolução nº 95, de 7 de fevereiro de 2022. Consolida os atos normativos que dispõem sobre segurança de barragens de mineração. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, , n. 33, p. 49, 16 fev. 2022. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-95-de-7-de-fevereiro-de-2022-380760962>. Acesso em: 21 jul. 2023.

ABRIL, Gonzalo. Cultura visual: de la semiótica a la política. Madrid: Plaza y Valdéz, 2013.

ARISTÓTELES. Arte Poética. São Paulo: Martin Claret, 2006.

BANDEIRA, Otniel; SEGURA-MUÑOZ, Susana; BANDEIRA, Palmeri. Impacto ambiental da percolação de metais de rejeitos de mineração após o rompimento da barragem de Mariana: implicações para a saúde. Enciclopédia Biosfera, [s. l.], n. 21, v. 50, 2024, p. 116-128

BRETAS, Beatriz. Interações cotidianas. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (org.). Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 29-42.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. MATRIZES, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v1i2p73-88. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizas/article/view/38193>. Acesso em: 21 ago. 2024.

CASTRIOTA, Leonardo. Conservação baseada em valores: patrimônio e direitos humanos no caso de Bento Rodrigues (MG). Revista CPC, [s. l.], v. 19, n. 37, p. 207-229, 2024.

COSTA, Hayanne; SILVA, Mônica. Environmental impacts from the national media perspective of the Barragem de Fundão in Mariana, Minas Gerais, Brazil. Research, Society and Development, [s. l.], v. 9, n. 10, p. e6869108863, 2020.

FONTES, Roberta; LOPES, Ivonete. As representações da mídia sobre o rompimento da barragem do Fundão, em Mariana, Minas Gerais. Revista Espacios, [s. l.], v. 38, n. 34, p. 32-42, 2017.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HORN, Eva. The future as catastrophe. Nova York: Columbia University Press, 2018.

LAGE, Igor; MANNA, Nuno. Uma "catástrofe do tempo": narrativa e historicidade pelas Vozes de Tchernóbil. Revista Galáxia, São Paulo, Edição Especial 1 – Comunicação e Historicidades, p. 34-46, 2019.

LEAL, Bruno Souza. Del texto a la textualidad. In: LEAL, Bruno. Souza; ALZAMORA, Geane; CARVALHO; Carlos Alberto. Textualidades mediáticas. Barcelona: UOC, 2017. p. 21-42.

LEAL, Bruno Souza; GOMES, Itania Maria Mota. Catástrofe como figura de historicidade: um gesto conceitual, metodológico e político de instabilização do tempo. In: MAIA, Jussara et al. (org.). Catástrofes e crises do tempo: historicidades dos processos comunicacionais. Belo Horizonte, MG: Fafich:Selo PPGCOM/UFMG, 2020. p. 31-52.

LEBOURG, Elodia; COTRIM, Rosa Maria. Sofrimento e estigmatização: desafios enfrentados por jovens atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão em Mariana (Minas Gerais, Brasil). Preprints, 2024. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.10439>.

MAIA, Jussara; BERTOLL, Rachel; VALLE, Flávio; Manna, Nuno (org.). Catástrofes e crises do tempo. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2020

POVINELLI, Elizabeth. Catástrofe ancestral: existências no liberalismo tardio. São Paulo: Ubu, 2024.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 59-75. 2005.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B.; MENEZES, M. P. (org.). Epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina, 2009. p. 73-118.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; LEAL, Bruno Souza; GOMES, Itânia Maria Mota. A historicidade dos processos comunicacionais: elementos para uma abordagem. In: MUSSE, Christina Ferraz; VARGAS, Herom; NICOLAU, Marcos (org.). Comunicação, mídias e temporalidades. Salvador: Edufba, 2017. p. 37-58.

ROUSSO, Henry. A última catástrofe. A história, o presente, o contemporâneo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

SILVA, Matheus; ARAÚJO, Carolina; SILVA, Janaina. Media and environment: The representation of social actors in digital press about the tragedies of Mariana and Brumadinho. New Trends in Qualitative Research, [s. l.], v. 4, p. 377-390, 2020.

Bruno Souza Leal

Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, MG, Brasil. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG), em Belo Horizonte, MG, Brasil. Coordenador do Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência e pesquisador do CNPq.

Flávio Pinto Valle

Doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, MG, Brasil. Professor do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em Mariana, MG, Brasil. Coordenador do Grupo de pesquisa e extensão Cultura Fotográfica.

Nuno Manna

Doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, MG, Brasil. Professor do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGCE/UFU) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia (PPGELIT/UFU), em Uberlândia, MG, Brasil. Coordenar do Narra – Grupo de pesquisa em Narrativa, Cultura e Temporalidade.

Endereço para correspondência

Bruno Souza Leal

Rua São João do Oriente, 51

Santa Branca, 31565-470

Belo Horizonte, MG, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.